

AKTIONSART E MORFOLOGIA PROGRESSIVA: VERBOS SEMELFACTIVOS EM INGLÊS**AKTIONSART AND PROGRESSIVE MORPHOLOGY: SEMELFACTIVE VERBS IN ENGLISH**

Matheus Gomes Alves

Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ

matheus.ling@letras.ufrj.br

189

RESUMO: Este trabalho adota os pressupostos de Smith (1991) e de Kiss Katalin (2011) referentes à assunção de que verbos semelfactivos são especificados negativamente para os traços de estatividade, duratividade e telicidade. Tais autoras também argumentam que verbos semelfactivos marginalmente ocorrem com morfologia progressiva e, quando o ocorrem, em inglês, apenas uma leitura é possível: iteratividade. Frente a isso, o objetivo geral deste trabalho é contribuir para o estudo de classes acionais das línguas naturais. O objetivo específico é investigar as diferentes leituras advindas do emprego da morfologia progressiva (verbo *to be* + verbo lexical + sufixo *-ing*) associada ao tempo presente em verbos semelfactivos em inglês. A metodologia empregada consiste na aplicação remota de um “teste de paráfrases” (ALVES, 2019) a vinte falantes nativos de inglês, em que tais falantes identificaram as possíveis paráfrases para sentenças com verbos semelfactivos em inglês com morfologia progressiva. A hipótese é de que, em sentenças com verbos semelfactivos em inglês com morfologia progressiva, apenas a leitura de iteratividade pode ser disparada (SMITH, 1991; KISS KATALIN, 2011). A previsão experimental é de que os participantes escolherão, apenas, a paráfrase referente à leitura de iteratividade. Os resultados apontam que há outras leituras possíveis para tal combinação, a saber: leitura de habitualidade, continuidade, incoação e prospecção. Sendo assim, a hipótese inicialmente postulada foi refutada.

PALAVRAS-CHAVE: *aktionsart*, morfologia progressiva, semelfactividade.

ABSTRACT: It is adopted in this work the core assumptions of Smith (1991) and Kiss Katalin (2011) concerning the negative underspecification of the statitivity, durativity and telicity features in semelfactive verbs in English. It is argued by the abovementioned authors that semelfactive verbs marginally occur with the progressive morphology, and that, when they do occur with this morphology in English, only one aspectual reading is triggered: iterativity. Based upon it, the current work is intended as a general contribution to the study of *aktionsart* in natural languages. Specifically, it is aimed at scrutinizing the different readings yielded by the employment of the progressive morphology (verb *to be* + lexical verb + *ing* suffix) associated with the present tense in semelfactive verbs in English. The methodology employed consists in the remote applying of a paraphrasis test (ALVES, 2019) to twenty native speakers of

Building the way

English, in which these speakers identified some paraphrases to sentences with a semelfactive verb and the progressive morphology. It is hypothesized that, when sentences with semelfactive verbs in English are employed with progressive morphology, only the aspectual reading of iterativity is to be triggered (SMITH, 1991; KISS KATALIN, 2011). It is expected that speakers in the test will only choose as a viable paraphrasis the one that directly conveys the iterative reading. Based on the results, it is stated that other aspectual readings seem to be viable as an outcome of this combination, namely habituality, continuativity, ingression and prospection. Hence, the hypothesis initially outlined was refuted.

KEYWORDS: *aktionsart*, progressive morphology, semelfactivity.

Considerações iniciais

Desde, ao menos, Vendler (1957), faz-se menção a quatro predicadores verbais distintos em inglês, a saber: ações, estados, *achievements* e *accomplishments*. Verbos de ação descrevem, tradicionalmente, eventos que possuem uma duração interna e que demandam gasto de energia para serem realizados, como, por exemplo, em “João correu”. Verbos de estado, por outro lado, descrevem processos homogêneos e que não demandam gasto de energia para serem realizados, como em “João ama Ana”. Verbos de *achievements* denotam eventos télicos e instantâneos, como em “João morreu”. Verbos de *accomplishments* descrevem eventos télicos e não instantâneos, como se observa em “João correu uma maratona”.

Smith (1991) analisa tais classes de predicadores verbais por meio de um conjunto de traços, a saber: estatividade, duração (ou duratividade) e telicidade. Quando especificado positivamente, tais traços referem-se, respectivamente, a um processo homogêneo, a um evento não instantâneo e a um evento delimitado, com um ponto final. A autora adiciona, ainda, uma quinta classe acional, denominada “semelfactivo”, foco de estudo deste trabalho. Predicadores verbais semelfactivos, segundo Smith (1991), denotam eventos heterogêneos, instantâneos e necessariamente atélicos, como se observa em “João martelou a parede”.

Smith (1991) e Kiss Katalin (2011) diferenciam verbos de *achievements* de verbos semelfactivos essencialmente por meio da especificação do traço de telicidade. Entende-se como telicidade neste trabalho todo e qualquer tipo de “evento sobre o qual é possível falar de um telos ou ponto final ou ainda culminação” (BASSO, v. 11, n. 2 (2021)

Building the way

2011: 116). Nesse caso, enquanto verbos de *achievements* são télicos, verbos semelfactivos são atélicos. Smith (1991) e Kiss Katalin (2011) ainda consideram que tal classe marginalmente se combina com o aspecto imperfectivo e, quando empregada com morfologia progressiva, engendra, necessariamente, apenas, uma leitura de iteratividade. Neste trabalho, os verbos semelfactivos em inglês estarão sob escrutínio e tal consideração acerca da combinação de verbos semelfactivos com a morfologia progressiva em inglês será a hipótese deste trabalho.

191

Kiss Katalin (2011) também propõe dois testes sintáticos, em inglês, para diferenciar essas classes: um teste de modificação adjetival deverbal e um teste de leitura incoativa. O primeiro teste se refere à assunção de que adjetivos participiais formados de verbos semelfactivos, ao serem empregados como modificadores, engendram uma sentença agramatical, como em **the flashed light* (*a luz piscada). O segundo teste se refere à assunção de que verbos semelfactivos, quando empregados com advérbios de duração, engendram prototipicamente uma leitura de incoação, isto é, de ênfase nas fases iniciais de um evento, como se constata em *John slowly coughed* (João vagorosamente tossiu). A partir de tais testes, Kiss Katalin (2011) divide os verbos semelfactivos em cinco subclasses, a saber: eventos corporais (como *to cough* – tossir), eventos internos (como *to flash* – fazer piscar algo), ações pontuais envolvendo movimento (como *to hit* – bater), verbos pontuais de percepção (como *to cry out* – berrar), verbos pontuais com implicação de estado subsequente (como *to explode* – explodir). Smith (1991) e Kiss Katalin (2011) ainda consideram que tal classe marginalmente se combina com o aspecto imperfectivo e, quando empregada com morfologia progressiva, engendra, necessariamente, apenas, uma leitura de iteratividade.

Alves (2019), ao analisar as possíveis leituras disparadas pelo emprego de verbos de *achievements* em inglês com a morfologia progressiva, emprega uma metodologia de “teste de paráfrases”. Nesse contexto, ao apresentar uma sentença alvo com um verbo pontual com morfologia progressiva em inglês, o participante escolhe as paráfrases possíveis para a sentença apresentada: habitualidade (repetição rotineira de um evento), continuidade (continuidade de um evento a um momento de referência), prospecção (ênfase no ponto imediatamente anterior ao início de um evento), incoação (ênfase nas fases iniciais de um evento) ou

Building the way

iteratividade (repetição de um evento). Em Alves (2019), aponta-se que todas essas leituras podem ser disparadas com o emprego da morfologia progressiva em verbos pontuais no inglês.

Como pode-se observar, não foram encontrados trabalhos que se comprometessem categoricamente com a análise experimental de outras leituras aspectuais engendradas pela combinação de verbos semelfactivos em inglês com morfologia progressiva. Há, portanto, uma lacuna a ser preenchida. Neste trabalho, os verbos semelfactivos em inglês estarão sob escrutínio e tal consideração acerca da combinação de verbos semelfactivos com a morfologia progressiva em inglês na gênese de uma leitura iterativa será a hipótese adotada.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para o estudo de classes acionais nas línguas naturais. Especificamente, objetiva-se investigar as diferentes leituras advindas do emprego da morfologia progressiva associada ao tempo presente¹ em verbos semelfactivos em inglês. A metodologia deste trabalho consiste na aplicação de um teste de paráfrases (ALVES, 2019), com oito sentenças alvo e dezesseis sentenças distratoras, a vinte falantes nativos de inglês. As variáveis dependentes são: a) índice de escolha conjunta global pelas paráfrases (prospecção, iteratividade, habitualidade, continuidade e incoação) e b) índice de escolha discreta por uma paráfrase. A hipótese adotada é a de que, quando verbos semelfactivos em inglês são empregados com a morfologia progressiva associada ao tempo presente, a única leitura aspectual possível é a de iteratividade (SMITH, 1991; KISS KATALIN, 2011). A previsão experimental adotada é a de que, nas sentenças alvo, haverá, apenas, a escolha da opção de paráfrase que preconiza, necessariamente, uma leitura iterativa da sentença apresentada.

1 A escolha pelo tempo presente tem como objetivo triangularizar os resultados deste experimento com o experimento de Alves (2019), que também analisou verbos pontuais de *achievements* no tempo presente, por meio de um teste de paráfrases. Entende-se, também, que controlar o tempo a ser utilizado nos estímulos é uma efetiva maneira de evitar fatores que possam influenciar nos resultados do experimento. Considera-se, ainda, que em uma sentença como “Maria está brincando”, uma leitura de duração (talvez mais prototípica) esteja presente. Contudo, outras leituras também são possíveis, como, por exemplo, “Maria está parando de brincar e retornando à brincadeira repetidamente”, “Maria está quase brincando” (ela ainda não pegou nos brinquedos), “Maria está no início do processo de brincar”, dentre outras. Sendo assim, como assumido implicitamente em Alves (2019), assume-se explicitamente neste trabalho que sentenças no presente progressivo podem ter diversas leituras aspectuais.

Desenvolvimento

A categoria linguística de aspecto é comumente (COMRIE, 1976) definida como aquela referente às distintas maneiras de conceber a estrutura temporal interna de uma eventualidade². No âmbito de tal definição, Comrie (1976) diferencia informações aspectuais concernentes à conceptualização de uma eventualidade que podem ser gramaticalizadas nas línguas naturais por meio de morfologias ou partículas específicas (aspecto gramatical), de informações aspectuais relacionadas ao tipo de eventualidade denotado por um predicador verbal (aspecto lexical, aspecto inerente, ou *aktionsart*).

Comrie (1976) propõe uma divisão do aspecto gramatical em duas subcategorias: aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo. Enquanto o aspecto perfectivo instancia uma eventualidade descrita como um todo, ou seja, sem observação de suas fases internas, o aspecto imperfectivo descreve uma eventualidade com a observação de suas fases internas. No âmbito do aspecto imperfectivo, Comrie (1976) apresenta a seguinte divisão: aspecto imperfectivo habitual e aspecto imperfectivo contínuo. No aspecto imperfectivo habitual, há a descrição de uma eventualidade como rotineira ou costumeira a determinado momento de referência. No aspecto imperfectivo contínuo, contudo, há a descrição de uma eventualidade simultânea a certo momento de referência. Essa relação de simultaneidade pode ser gramaticalizada por meio de morfologia progressiva³ nas línguas (aspecto imperfectivo contínuo progressivo) ou por morfologia não progressiva (aspecto imperfectivo contínuo não progressivo). Abaixo podem ser encontrados alguns exemplos de veiculação de tais aspectos:

- (1) *John ran.*
“João correu”
- (2) *John used to run.*
“João costumava correr”
- (3) *John was running.*

2 Neste trabalho, a palavra “eventualidade” é empregada como um termo genérico que faz referência tanto a eventos propriamente ditos (atividades, *achievements*, *accomplishments*) e a processos (estados).

3 Para este trabalho, como para Comrie (1976), a morfologia progressiva a que se faz menção é aquela constituída, no inglês, pelo verbo *to be* (ser ou estar) conjugado, pelo verbo principal e pelo sufixo *ing*.
v. 11, n. 2 (2021) **ISSN 2237-2075**

Building the way

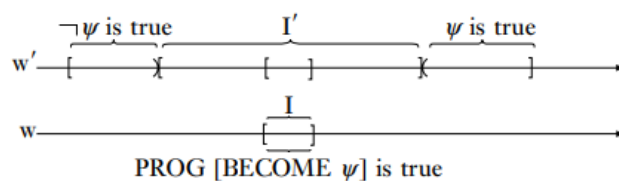
“João estava correndo”
(4) *John ran for 2 hours.*
“João corria por 2 horas”

Em (1), (2), (3) e (4), há a descrição de um evento passado de “correr” do qual “João” é agente. Contudo, em (1), esse evento é apresentado sem pormenorização de suas diferentes fases internas, ou seja, é descrito como atômico (BACH, 1986). Em (2), esse evento é apresentado como habitual ou rotineiro a determinado momento de referência, salientando, assim, suas partes internas. Em (3), o mesmo evento é descrito como simultâneo a um momento de referência, mas não necessariamente habitual, por meio do emprego da morfologia progressiva. Finalmente, em (4), o mesmo evento é apresentado como simultâneo a um momento de referência, por meio do emprego de morfologia não progressiva. Assim, em (1), (2), (3) e (4), adotando a perspectiva de Comrie (1976), há exemplos, respectivamente, de veiculação de: aspecto perfectivo, aspecto imperfectivo habitual, aspecto imperfectivo contínuo progressivo e aspecto imperfectivo não progressivo.

No que se refere à noção de progressividade, Dowty (1977) considera que um evento descrito como progressivo é verdadeiro em um momento I e W se e somente se, houver um intervalo I' , de forma que I contém I' , e existir um mundo W' em que o evento denotado é verdadeiro em I e W' . Então, uma sentença como *John was running* será verdadeira se e somente se, em um mundo W' , em que o evento de correr é verdadeiro em um momento I e W , houver um intervalo I' , em que o tal evento ocorre. Considera-se, ainda, que em uma sentença como *John is crossing the street* (João cruzou a rua) (DOWTY, 1977, p. 270-271), o evento progressivo denotado será verdadeiro se e somente se 1) houver um intervalo W' , no qual há um subintervalo em que o não cruzamento da rua precede um subintervalo I' , referente ao cruzamento contínuo da rua) e 2) houver um intervalo W' , no qual há um subintervalo em que o cruzamento da rua siga o subintervalo I' , referente ao cruzamento contínuo da rua. A representação de tal assunção pode ser observada abaixo:

Figura 1: Condições de verdade para uma sentença progressiva de mudança de estado

Building the way



Fonte: Dowty (1977, p. 270)

195

No que concerne ao *aktionsart* de eventualidades, faz-se menção ao trabalho seminal de Vendler (1957) sobre os diferentes predicados verbais de língua inglesa. Embora Vendler (1957) não atribua diretamente e categoricamente sua proposta a um fenômeno de natureza aspectual, esse trabalho é considerado como um marco na descrição dos tipos de eventualidades que podem se fazer presentes nas línguas humanas. Empregando critérios sintáticos e semânticos como, por exemplo, a felicidade de emprego de certos predicados verbais com a morfologia progressiva em inglês, Vendler (1957) apresenta quatro tipos de predicados: atividades, estados, *achievements* e *accomplishments*.

De acordo com o autor, verbos de atividade poderiam ser empregados com a morfologia progressiva, descrevem eventos que demandam gasto de energia para serem realizados e apresentam duração interna. Verbos estativos não poderiam ser empregados com a morfologia progressiva, não descrevem processos que demandam gasto de energia para serem realizados e denotam necessariamente um processo homogêneo, ou seja, com partes internas de mesma natureza. Verbos de *accomplishments* poderiam ser empregados com a morfologia progressiva, descrevem eventos que preconizam gasto de energia para serem realizados e que são de natureza contínua e delimitado, apontando para um ponto final inerente. Finalmente, verbos de *achievement* não poderiam ser empregados com a morfologia progressiva e descreveriam eventos que igualmente preconizam gasto de energia para serem realizados, mas são instantâneos e delimitados. Abaixo podem ser encontrados exemplos de sentenças com *aktionsart* distintos:

- (5) *John runs.*
"João corre"
- (6) *John loves Mary.*
"João ama Maria"
- (7) *John runs a Marathon.*
"João corre uma maratona"

Building the way

(8) *John reaches the summit.*
“João atinge o cume”

Em (5), há a descrição de um evento presente de “correr” do qual “João” é agente. O evento apresentado é continuativo, com partes internas, que demandam gasto de energia por seu agente para ser realizado. Em (6), há a descrição de um processo de “amar” do qual “João” é experienciador e “Maria” beneficiário. O processo apresentado é homogêneo, ou seja, possui partes internas de natureza semelhante. Além disso, não se preconiza um dispêndio de energia por parte de “João” para experienciar o amor que se tem por “Maria”. Em (7), há a descrição de um evento de “correr” do qual “João” é agente e “maratona” tema. O evento apresentado é continuativo e delimitado, ou seja, aponta para o final do evento de correr desempenhado por João: a maratona⁴. Em (8), há a descrição de um evento presente de “atingir”, do qual “João” é agente e “o cume” tema. O evento apresentado é delimitado e instantâneo, ou seja, não possui duração interna⁵. Portanto, os eventos apresentados possuem respectivamente *aktionsart* do tipo: atividade, estado, *accomplishment* e *achievement*⁶.

Comrie (1976), ao analisar os *aktionsarten* de língua inglesa, diferencia-os por meio de três pares de traços: pontualidade e duratividade, estaticidade e dinamicidade e, finalmente, telicidade e atelicidade. De forma genérica, enquanto o traço de pontualidade faz referência a eventos que não perduram no tempo, ou seja, não possuem duração interna, o traço de duratividade se refere a eventos que perduram no tempo, possuindo duração interna. O traço de estaticidade descreve processos em que não há gasto de energia por conta de seu agente ou

4 João só correrá até o fim da maratona. Depois da maratona, João não desempenhará o evento de “correr”

5 Em uma sentença como essa, faz-se referência apenas ao instante em que “João” alcança de fato o cume.

6 Convém recordar a divisão alternativa de eventos, processos e estados apresentada em Carlson (1981) e assumida por Bach (1986). Segundo esses autores, dentro da categoria de eventualidade, haveria uma divisão entre estados e não estados. Estados como “sentar em algum lugar” seriam dinâmicos, ao passo que estados como “amar alguém” seriam estáticos. Não estados poderiam ser divididos em processos e eventos. Não estados como “andar” ou “empurrar um carrinho” seriam classificados como processos. Não estados como “construir algo” seriam classificados como eventos “protácteis”. Não estados eventivos como “reconhecer alguém” seriam classificados como acontecimentos momentâneos. Não estados como “morrer”, por fim, seriam classificados como eventos momentâneos culminativos.

Building the way

experienciador, ao passo que o traço de dinamicidade descreve eventos em que há dispêndio de energia por conta de seu agente. O traço de telicidade⁷, genericamente, concerne à demarcação linguística de um ponto final do evento considerado, ao passo que o traço de atelicidade se refere à ausência de demarcação linguística de um ponto final do evento considerado. A partir de tais oposições de traços, infere-se que, em (5), há a descrição de um evento durativo, dinâmico e atélico. Em (6), há a descrição de um processo durativo e estativo⁸. Em (7), há a descrição de um evento durativo, dinâmico e télico. Em (8), há a descrição de um evento pontual, dinâmico e télico.

À vista disso, Smith (1991) propõe uma classificação de *aktionsart* que leva em consideração as oposições de traços apresentadas anteriormente e suas possíveis especificações para cada predicado verbal vendleriano. A autora ainda adiciona um quinto *aktionsart*, que faz referência a eventos pontuais e atélicos, como se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 1: Classificação de *aktionsart* nas línguas naturais

Aktionsart	Pontualidade	Estatividade	Telicidade
Atividade	[-]	[-]	[-]
Estado	[-]	[+]	_ ⁹
<i>Accomplishment</i>	[-]	[-]	[+]
<i>Achievement</i>	[+]	[-]	[+]
Semelfactivo	[+]	[-]	[-]

Fonte: Adaptado de Smith (1991:20)

Sendo assim, o *aktionsart* atividade seria classificado pela especificação negativa dos traços de pontualidade, estatividade e telicidade. O *aktionsart* estado seria classificado pela especificação negativa do traço de pontualidade e a especificação positiva do traço de estatividade. O *aktionsart accomplishment* seria classificado pela especificação negativa dos traços de pontualidade e estatividade e

7 Segundo Basso (2011, p. 116), “télico é todo e qualquer evento sobre o qual é possível falar de um de seus télos ou ponto final ou ainda culminação”.

8 Como se observará, o traço de telicidade é descrito em algumas análises, como a de Smith (1991), como não relevante para definição do *aktionsart* de estado.

9 Considerado por Smith (1991) como não relevante para definição de estados.

Building the way

pela positiva do traço de telicidade. O *aktionsart achievement* seria classificado pela especificação negativa do traço de estaticidade e pela positiva dos traços de pontualidade e telicidade. Finalmente, o *aktionsart* semelfactivo pode ser classificado pela especificação negativa dos traços de estaticidade e telicidade e pela positiva do traço de pontualidade. Sendo assim, em uma sentença como *John coughs* (“João tosse”), haveria a descrição de um evento inerentemente pontual, mas durativo e atético, diferenciando-se, portanto, de uma sentença como *John dies* (“João morre”), em que há um evento do tipo *achievement*, pontual, dinâmico e tético.

Dowty (1979) apresenta alguns testes para diferenciar *aktionsarten* de atividade, de estados e de *achievements*. Segundo Dowty (1979, p. 54), “atividades e performances podem ocorrer em tempos progressivos”. Contudo, estados, desde Vendler (1957), são descritos como não compatíveis com tempos progressivos. *Achievements*, segundo Dowty (1979), podem ocorrer com sintagmas adverbiais de molde “em x tempo” (*John noticed the painting in a few minutes* – João notou a pintura em alguns minutos), porém não podem ocorrer com sintagmas adverbiais durativos de molde “por x tempo” (**John noticed the painting for a few minutes* – *João notou a pintura por alguns minutos). *Achievements* são inaceitáveis como complementos de verbos como *to finish* (terminar) e *to stop* (parar), como se pode observar em **John finished noticing the painting* (*João terminou de notar a pintura) e **John stopped noticing the painting* (*João parou de notar a pintura). Dowty (1979) diferencia, ainda, verbos de *achievement* agentivos de verbos de *achievement* não agentivos, utilizando como diagnóstico dessa diferença a possibilidade desses verbos ocorrerem no modo imperativo. Sendo assim, verbos de *achievement* agentivos em inglês, como *to kill* (matar) e *to point out* (apontar) podem ocorrer em sentenças imperativas, ao passo que verbos de *achievement* não agentivos, como *to notice* (notar), *to realize* (perceber) e *to ignite* (acender), em inglês, não poderiam ocorrer em sentenças imperativas.

Rothstein (2004), ao analisar contextos de emprego de certos sintagmas adverbiais de molde “em x tempo” e “por x tempo”, considera que eventos descritos como atéticos só poderiam ser combináveis com sintagmas deste molde, ao passo que eventos descritos como téticos só poderiam ser combináveis com sintagmas daquele molde. Sendo assim, infere-se que *aktionsarten* especificados positivamente para o traço de telicidade, como os *accomplishments* e *achievements* ocorram

Building the way

prototipicamente com sintagmas adverbiais de molde “em x tempo”. Contudo, *aktionsarten* especificados negativamente para o traço de telicidade, como as atividades e os estados ocorrem com sintagmas adverbiais de molde “por x tempo”.

Kiss Katalin (2011) apresenta alguns testes para diferenciar verbos de *achievement* (pontuais télicos) de verbos semelfactivos (pontuais atélicos) em inglês. Segundo essa autora, por conta da natureza télica de verbos de *achievement*, estes podem ser empregados em contextos de motivação adjetival deverbal em sintagmas nominais, ao passo que verbos semelfactivos não o podem, por conta de sua natureza atélica. Sendo assim, em inglês, sintagmas nominais como *the shattered window* (a janela despedaçada) são possíveis pelo fato do adjetivo *shattered* ser oriundo do verbo de *achievement to shatter* (despedaçar), de natureza télica. Contudo, em inglês, sintagmas nominais como **the flashed light* (? A luz piscada) não seriam possíveis, pois o modificador *flashed* é oriundo do verbo semelfactivo *to flash* (piscar). Portanto, em construções adjetivais deverbais de verbos de *achievement* há implicação de mudança de estado resultativa, ao passo que em construções deverbais de verbos semelfactivos não haveria ideia de mudança de estado resultativa em inglês.

Kiss Katalin (2011) considera, outrossim, que verbos semelfactivos marginalmente são empregados com sintagmas adverbiais durativos e celerativos, como *quickly* (“rapidamente”) e *slowly* (“vagarosamente”) em inglês. Quando são combinados a tais sintagmas, há apenas engatilhamento da leitura aspectual de incoação, ou seja, de ênfase nas fases iniciais do evento, como se pode observar em *John slowly coughed* (“João vagorosamente tossiu”). Verbos de *achievements*, contudo, podem ocorrer com tais sintagmas adverbiais engatilhando leitura de duração somente, como em *John slowly died* (“João vagorosamente morreu”). Kiss Katalin (2011) subdivide ainda os verbos semelfactivos em subclasses, como se pode observar abaixo:

Quadro 2: Subclasses de verbos semelfactivos em inglês

Subclasses	Verbos
Eventos corporais	<i>To blink</i> (piscar), <i>to cough</i> (tossir), <i>to burp</i> (arrotar), <i>to sneeze</i> (espirrar), <i>to wink</i> (piscar), <i>to glimpse</i> (vislumbrar), <i>to jump</i> (pular), <i>to skip</i> (pular), <i>to spring</i> (saltar), <i>to jerk</i> (sacudir), <i>to fart</i> (peidar).

Building the way

Eventos internos	<i>To flicker</i> (pisicar), <i>to flash (lights)</i> (pisicar (luzes)), <i>to gleam</i> (brilhar), <i>to ring</i> (badalar), <i>to spurt</i> (jorrar), <i>to squirt</i> (esquichar), <i>to spew</i> (lançar).
Ações pontuais envolvendo movimento	<i>To tap</i> (bater), <i>to peck</i> (bicar), <i>to scratch</i> (arranhar), <i>to kick</i> (chutar), <i>to hammer a nail (once)</i> (martelar um prego (uma vez)), <i>to pound on the table (once)</i> (bater na mesa (uma vez)), <i>to pop (the gun)</i> (atirar a arma), <i>to hit</i> (bater), <i>to slap</i> (esbofetear), <i>to thump</i> (bater), <i>to thwack</i> (bater), <i>to smack</i> (bater), <i>to clap</i> (aplaudir), <i>to shake</i> (balançar), <i>to knock</i> (bater).
Verbos pontuais de percepção	<i>To cry out (in pain)</i> (gritar (com dor)), <i>to call out</i> (chamar), <i>to shout out</i> (vociferar).
Verbos pontuais que implicam em estado subsequente	<i>To explode</i> (explodir), <i>to find</i> (encontrar), <i>to break</i> (quebrar), <i>to break in</i> (quebrar em), <i>to cave in</i> (escavar), <i>to crack</i> (rachar), <i>to split</i> (dividir), <i>to smash</i> (esmagar), <i>to close</i> (fechar).

Fonte: Adaptado de Kiss Katalin (2011)

Convém afirmar que Smith (1991) e Kiss Katalin (2011) consideram combinação de verbos semelfactivos em inglês com morfologia progressiva incomum, pela aparente incompatibilidade entre a natureza instantânea de verbos semelfactivos e a natureza imperfectiva (ênfases nas fases internas) da morfologia progressiva. Contudo, segundo tais autoras, quando tal combinação ocorre, em inglês, por coerção aspectual, há, apenas, engatilhamento de uma leitura de iteratividade, “modificando” o *aktionsart* do predicador verbal ao transformá-lo em um verbo de atividade. Essa leitura de iteratividade se caracteriza pela postulação de múltiplas partes do evento, que, em conjunto, denotam, por exemplo, um evento de natureza frequentativa. Sendo assim, em uma sentença como *John is hammering a nail* (João está martelando um prego), em que há emprego de um verbo inicialmente classificado como semelfactivo, por causa do emprego da morfologia progressiva, há o engatilhamento de uma leitura iterativa. Entende-se que existe um evento presente “e” de “martelar”, do qual “João” é agente e “um prego” é tema, constituído por múltiplas marteladas consecutivas. A possibilidade de emergência de outras leituras aspectuais no emprego da morfologia progressiva em verbos semelfactivos será objeto de escrutínio neste trabalho.

Ao analisar a combinação de verbos estativos com morfologia progressiva no inglês no português, Guimarães (2017, p. 158) argumenta que “os verbos tipicamente classificados como verbos de estado que foram combinados à morfologia de progressivo não deveriam ser considerados verbos de estado verdadeiros, por não

Building the way

apresentarem o traço de estatividade marcado positivamente”. Martins & Mota (2018), ao analisar a combinação entre estatividade e progressividade na aquisição de português do Brasil, consideram que, de fato, crianças em aquisição de linguagem não empregam a morfologia progressiva em verbos genuinamente estativos. Tais autoras argumentam que, quando há emprego de tal morfologia em verbos tidos como estativo, na verdade, na gramática da criança, esse verbo possui especificação negativa para o traço de estatividade.

Alves (2019), baseando-se na afirmação de Celce-Murcia e Larsen Freeman (1999) de que quando verbos de *achievements* são empregados com a morfologia progressiva em inglês há emergência apenas de uma leitura incoativa (ênfase nas fases iniciais), durativa (ênfase nas fases mediais) e iterativa (repetição do evento), analisa a possibilidade de engatilhamento de outras possíveis leituras aspectuais. Empregando como metodologia a aplicação de um teste de paráfrases a falantes nativos de inglês, Alves (2019) afirma que, além das três leituras inicialmente previstas, há emergência de outras três leituras aspectuais, a saber: prospecção, habitualidade e terminação. A leitura de prospecção é aquela que enfatiza o ponto imediatamente anterior ao início do evento, antecedendo, até suas fases iniciais, como se observa em *John is almost dying* (João está quase morrendo). A leitura de habitualidade é aquela que enfatiza a repetição rotineira de um evento em determinado momento de referência, como se observa em *John is usually shattering windows* (João está geralmente quebrando janelas). A leitura de terminação é aquela que enfatiza as fases finais do evento descrito, como se pode observar em *John is finishing his tasks* (João está terminando suas tarefas).

Metodologia

A metodologia deste trabalho consiste na aplicação remota, via *Google Forms*, de um teste de paráfrases, como proposto em Alves (2019) ao escrutínio de leituras aspectuais com verbos de *achievements*, a vinte falantes nativos de inglês. Neste estudo, optou-se por duas variáveis independentes de um nível, a saber: *Aktionsart* (semelfactivo) e Morfologia (progressiva). A escolha por tal design experimental justifica-se pelo fato de que a análise das leituras aspectuais advindas

Building the way

do emprego da morfologia progressiva com verbos de outras classes, como, por exemplo, de estados e de *achievements*, já fora feita em trabalhos anteriores. Entendeu-se, assim, que, com o objetivo de suprir a lacuna referente à análise de leituras advindas do emprego dessa morfologia em verbos semelfactivos e de evitar um teste muito longo aos informantes, apresentar apenas duas variáveis de um nível seria mais frutífero. Sendo assim, por essa escolha, os participantes foram expostos a, apenas, 8 sentenças alvo e 16 sentenças distratoras, totalizando 24 sentenças pseudorandomizadas entre si.

Inicialmente, os participantes foram informados do caráter voluntário de sua participação no estudo, da possibilidade de o encerrar em qualquer momento e, ainda, do sigilo garantido na feitura do teste. Posteriormente, os participantes interessados em prosseguir no teste marcaram uma opção que afirmava: *I hereby declare for the proper purposes that I am aware of the conditions and rules of the test, of my voluntary participation in it and of my rights concerning the interruption of the test at any moment* (Eu declaro para os objetivos considerados que estou ciente das condições e regras do teste, do caráter voluntário de minha participação e dos meus direitos referentes à interrupção do teste em qualquer momento).

Antes do início do teste, os participantes foram convidados a identificarem sua faixa etária, seu local de nascimento, seu nível de escolarização e a cidade em que viveram até 18 anos de idade. A apresentação dessas perguntas tem como objetivo garantir que os participantes sejam efetivamente falantes nativos de inglês, isto é, passaram pelo período de aquisição de linguagem e foram expostos nesse ínterim ao *input* desta língua.

Quadro 3 – Perfil dos participantes

	Faixa Etária	Nascimento	Escolarização	Viveu até 18 anos
A	De 18 a 30 anos	Essen, Inglaterra	Graduação	Essen, Inglaterra
B	De 61 a 70 anos	Edinburgh, Escócia	Pós-graduação	St. Saviour
C	De 31 a 40 anos	Hull, Inglaterra	Pós-graduação	Hull, Inglaterra
D	De 31 a 40 anos	Birmingham, Inglaterra	Pós-graduação	Birmingham, Inglaterra

Building the way

E	Mais de 70	Harrow, Inglaterra	Pós-graduação	Virginia do Norte, E.U. A
F	De 41 a 50 anos	Jackson, E.U. A	Graduação	Jackson, E.U. A
G	De 18 a 30 anos	Londres, Inglaterra	Graduação	Londres, Inglaterra
H	De 41 a 50 anos	Barrow in Furness, Inglaterra	Graduação	Blackburn, Inglaterra
I	De 51 a 60 anos	Edinburgh, Escócia	Pós-graduação	Edinburgh, Escócia
J	De 61 a 70 anos	San Nicolas de los Arroyos, Argentina	Pós-graduação	Exeter, Inglaterra
K	De 18 a 30 anos	Guelph, Canadá	Pós-graduação	Guelph, Canadá
L	De 18 a 30 anos	Belfast, Irlanda do Norte	Pós-graduação	Belfast, Irlanda do Norte
M	De 61 a 70 anos	Oak Ridge, E. U. A.	Graduação	Oak Ridge, E. U. A.
N	De 18 a 30 anos	Providence, E. U. A.	Pós-graduação	Atlanta, E. U. A.
O	De 51 a 60 anos	Boston, E. U. A.	Graduação	Boston, E. U. A.
P	De 61 a 70 anos	Nova Iorque, E. U. A.	Pós-graduação	Berkeley, E. U. A.
Q	De 41 a 50 anos	Portland, E. U. A.	Pós-graduação	Portland, E. U. A.
R	De 31 a 40 anos	Elgin, E. U. A.	Pós-graduação	Elgin, E. U. A.
S	De 31 a 40 anos	Annapolis, E. U. A.	Pós-graduação	Annapolis, E. U. A.
T	De 51 a 60 anos	Greenville, E. U. A.	Pós-graduação	Greenville, E. U. A.

Fonte: elaboração própria

A tarefa experimental consistiu na apresentação de sentenças aos participantes em que houvesse emprego de verbos classificados como semelfactivos tanto por Smith (1991), quanto por Kiss Katalin (2011). Após a leitura atenta da sentença, o participante foi convidado a apontar todas as paráfrases possíveis para o conteúdo expresso nesta. Finalmente, o participante teve de identificar a melhor paráfrase entre as outras. Sendo assim, em uma sentença como *Mary is tapping her nails* (Maria está batendo suas unhas), o participante teve, em um primeiro momento, de marcar todas as paráfrases possíveis para essa sentença dentre estas: *Mary is*

Building the way

204

almost tapping her nails (Maria está quase batendo suas unhas – leitura prospectiva), *Mary is repeatedly tapping her nails* (Maria está repetidamente batendo suas unhas – leitura iterativa), *Mary usually tapping her nails* (Maria geralmente está batendo suas unhas – leitura habitual), *Mary is still tapping her nails* (Maria está ainda batendo suas unhas – leitura continuativa), *Mary is in the very beginning of the process of tapping her nails* (Maria está bem no início do processo de bater suas unhas – leitura incoativa). Em um segundo momento, o participante escolheu apenas uma dessas paráfrases. Para garantir que essas paráfrases necessariamente preconizassem suas leituras, recorreu-se a advérbios descritos na literatura cartográfica (CINQUE, 1999, 2006), como prototipicamente utilizados na veiculação dessas leituras.

À vista disso, como variáveis dependentes, têm-se: a) o índice de escolha global de paráfrases e b) o índice de escolha discreta de paráfrases. A postulação da primeira variável dependente visa a contemplar a primeira parte do experimento, em que os participantes apontaram todas as paráfrases consideradas como possíveis da sentença alvo. A postulação da segunda variável independente visa a contemplar a segunda parte do experimento, em que, dessa vez, os participantes apontaram apenas a melhor paráfrase para a sentença. A hipótese adotada é a de que, quando verbos semelfactivos em inglês são empregados com a morfologia progressiva associada ao tempo presente, a única leitura aspectual possível é a de iteratividade (SMITH, 1991; KISS KATALIN, 2011). A previsão experimental adotada é a de que, tanto no índice global e no índice discreto, haverá, apenas, a escolha da opção de paráfrase que preconiza, necessariamente, uma leitura iterativa da sentença apresentada. Essa previsão é baseada nas próprias considerações de Smith (1991) e Kiss Katalin (2011) que apontam o engatilhamento apenas da leitura iterativa na combinação entre verbos semelfactivos e morfologia progressiva.

As sentenças alvo apresentadas foram: *Mary is coughing* (Maria está tossindo), *The light is flickering* (A luz está piscando), *John is sneezing* (João está espirrando), *Mary is blinking* (Maria está piscando), *Daniel is pounding on the table* (Daniel está batendo na mesa), *Daniel is hammering a nail* (Daniel está martelando um parafuso), *John is kicking the ball* (João está chutando a bola), *Mary is tapping her nails* (Maria está batendo suas unhas). Com apontado na seção anterior, os predicadores verbais *to cough, to flick, to sneeze, to blink, to pound, to hammer, to*

Building the way

kick, to tap são classificados em diferentes subclasses de verbos semelfactivos, por Kiss Katalin (2011). A escolha de tais verbos se justifica pela assunção de que, talvez, determinada subclasse dos verbos semelfactivos possa favorecer o engatilhamento da leitura iterativa, prevista experimentalmente, em detrimento de outra subclasse e de outra leitura. Na próxima seção, os resultados do teste serão apresentados levando em consideração os diferentes verbos apresentados, o índice global da escolha de paráfrases e o índice discreto de tal escolha.

205

Resultados e discussão

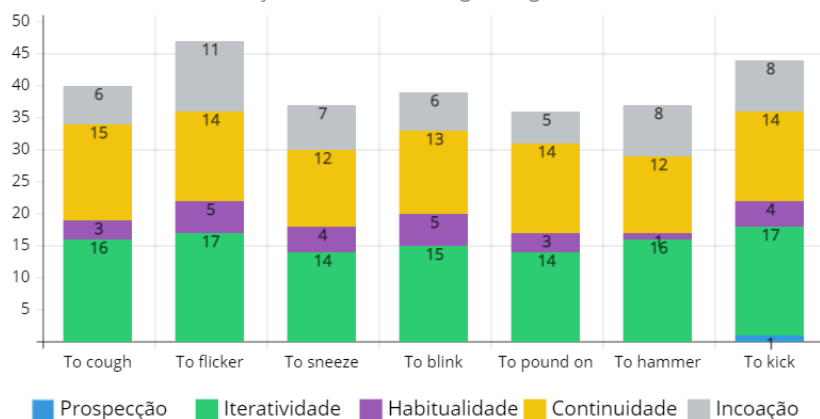
Os resultados do experimento serão apresentados levando em consideração a combinação do verbo com a morfologia progressiva e as leituras disparadas. Inicialmente, serão apresentados os resultados do índice global de escolha das paráfrases, referente à primeira variável dependente deste trabalho. Posteriormente, serão apresentados os resultados do índice discreto de escolha das paráfrases, referente à segunda variável dependente deste trabalho.

De forma genérica, no que concerne ao índice global de escolha de paráfrases, ou seja, a todas as paráfrases julgadas como possíveis para as sentenças alvo, houve uma preferência pela leitura categórica de iteratividade. Tal preferência vai ao encontro às considerações anteriormente apresentadas acerca da combinação da morfologia progressiva com verbos semelfactivos no inglês. Convém afirmar, contudo, que outras leituras aspectuais se fizeram presentes, a saber: prospecção, habitualidade, continuidade e incoação. Sendo assim, uma vez que a primeira previsão experimental era de que haveria apenas escolha pela paráfrase de iteratividade no índice de escolha global, tal previsão não foi confirmada, pois, além da escolha por tal paráfrase, houve escolha por outras paráfrases em todas as sentenças apresentadas. No gráfico abaixo, em azul, verde, roxo, amarelo e cinza, codifica-se, respectivamente, o índice de escolha global das leituras de prospecção, iteratividade, habitualidade, continuidade e incoação.

Gráfico I: Índice Global de Escolha de Paráfrases

Índice Global de Escolha de Paráfrases

Combinação Verbo e Morfologia Progressiva x Leituras



Fonte: elaboração própria

No que se refere às leituras aspectuais disparadas pelo emprego da morfologia progressiva com o predicador verbal semelfactivo de eventos corporais *to cough* (tossir), em *Mary is coughing* (“Maria está tossindo”), houve 16 escolhas pela paráfrase referente à leitura de iteratividade, 3 pela paráfrase de leitura de habitualidade, 15 pela paráfrase de leitura de continuidade e 6 pela paráfrase de leitura de incoação. Nesse contexto, para a leitura de iteratividade, haveria múltiplas tossidas que caracterizam o evento de tossir. Para a leitura de habitualidade, haveria a descrição de um evento rotineiro de tossir de Maria, como em Maria tosse toda noite. Para a leitura de continuidade, haveria a ênfase na estrutura interna do evento de tossir, como se observa, por exemplo, no contexto em que Maria está no meio do processo de tossir. Para a leitura de incoação, haveria ênfase na estrutura interna inicial do evento de tossir, em que se destaca as fases iniciais da tossida de Maria. Sendo assim, além da leitura da iteratividade, houve emergência das leituras de habitualidade, continuidade e prospecção¹⁰. Como se pode observar, a leitura de prospecção não foi aceita pelos participantes.

10 Convém afirmar que, por mais que se possa considerar que a iteratividade, enquanto repetição de eventos, não se anularia completamente, por exemplo, nas leituras de habitualidade, continuidade e incoação, de semelhante forma, ela não seria dependente dessas leituras para ser engatilhada. Sendo assim, um evento pode ser descrito como iterativo sem necessariamente ser habitual, contínuo ou incoativo. Há, assim, claramente uma distinção entre essas leituras, de forma que seja justificável o contraste entre habitualidade, continuidade, prospecção e iteratividade. Considera-se, ainda, que parece haver uma impossibilidade lógica entre a descrição de um evento enquanto iterativo e a ênfase no ponto imediatamente anterior ao início do evento (prospecção), gramaticalizada, por exemplo, pelo advérbio “quase”. À vista disso, caso haja escolha pela paráfrase prospectiva, exclui-se completamente a possibilidade de leitura de iteratividade.

Building the way

Em relação à conjugação da morfologia progressiva com o predicador verbal semelfactivo de eventos internos *to flicker* (pisca), em *the light is flickering* (a luz está piscando), houve 17 escolhas pela paráfrase referente à leitura de iteratividade, 5 pela paráfrase de leitura de habitualidade, 14 pela paráfrase de leitura de continuidade e 11 pela paráfrase de leitura de incoação. Nesse contexto, considera-se que, para a leitura de iteratividade, salienta-se a existência de múltiplos eventos de “pisca da luz” que constituem o evento de “pisca”. Para a leitura de habitualidade, salienta-se a existência de um comportamento¹¹ rotineiro de “pisca” que descreve o pisca da luz. Para a leitura de continuidade, enfatiza-se as fases internas do evento de “pisca”, como se observa no contexto em que a luz está perdendo a luminosidade gradativamente até retomar seu brilho natural¹². Para a leitura de incoação, salienta-se a fase inicial da gradativa perda de luminosidade até o ponto em que ela retoma sua luminosidade natural. Houve, assim, além de iteratividade, emergência de leituras de habitualidade, continuidade e incoação. Não houve engatilhamento de uma leitura de prospecção.

Com o predicador verbal semelfactivo de eventos corporais *to sneeze* (espirrar), em *John is sneezing* (João está espirrando), houve 14 escolhas pela paráfrase referente à leitura de iteratividade, 4 pela paráfrase de leitura de habitualidade, 12 pela paráfrase de leitura de continuidade e 7 pela paráfrase da leitura de incoação. À vista disso, para a leitura de iteratividade, haveria múltiplos espirros que, em conjunto, denotam o evento de “espirrar”. Para a leitura habitualidade, haveria a descrição de um comportamento rotineiro de João de espirrar em determinado momento, como, por exemplo, no caso de uma alergia, em que há espirros comumente noturnos. Para a leitura de continuidade, haveria ênfase na duração do próprio espirro. Finalmente, para a leitura de incoação, haveria ênfase nas fases iniciais que caracterizam um espirro. Dispararam-se na conjugação de tal predicador com a morfologia progressiva, as seguintes leituras: iteratividade, habitualidade, continuidade e incoação.

11 Embora se possa considerar que a noção de habitualidade demande a existência um sujeito agente [+animado] que pratique determinada ação de forma rotineira, este não parece ser o caso do exemplo analisado. Nesse contexto, faz sentido descrever, por exemplo, que, geralmente, em um mesmo horário, de forma ordenada, a luz pisca em determinado local.

12 Embora seja mais comum pensar em um caso em que a luz esteja perdendo sua luminosidade até apagar de vez, não é impossível, tampouco ilógico, pensar no contexto descrito.

Building the way

No que se refere ao predicador verbal semelfactivo de eventos corporais *to blink* (piscar), em *Mary is blinking* (Maria está piscando), houve 15 escolhas pela para paráfrase da leitura de iteratividade, 5 pela paráfrase da leitura de habitualidade, 13 pela paráfrase de leitura da continuidade e 6 pela paráfrase da leitura de incoação. Para a leitura de iteratividade, salienta-se que há múltiplos piscadas que compõem o evento de “piscar”. Para a leitura de habitualidade, pode-se conceber um contexto em que Maria está com algum problema de saúde que a faz piscar em alguns momentos mais intensamente. Para a leitura de continuidade, salienta-se a duração da piscada de Maria. Finalmente, para a leitura de incoação, captura-se o milissegundo em que Maria começa a piscar. Entende-se, assim, que essas leituras foram possíveis para a combinação de tal predicador com a morfologia progressiva.

Com o predicador verbal semelfactivo de ações pontuais envolvendo movimento *to pound on* (bater em), em *Daniel is pounding on the table* (Daniel está batendo na mesa), houve 14 escolhas pela paráfrase relacionada à leitura de iteratividade, 3 pela paráfrase da leitura de habitualidade, 14 pela paráfrase da leitura de continuidade e 5 pela paráfrase da leitura de incoação. No que se refere à leitura de iteratividade, salienta-se a existência de múltiplas batidas na mesa que, em conjunto, denotam o evento de bater. Em relação à leitura de habitualidade, salienta-se, por exemplo, um comportamento rotineiro de bater na mesa que Daniel desempenha em algumas circunstâncias; por exemplo, quando está nervoso. Em relação à leitura de continuidade, enfatiza-se a duração das fases internas da batida. Finalmente, em relação à leitura de incoação, enfatiza-se a fase inicial da batida de Daniel na mesa. Houve, assim, disparamento das leituras de iteratividade, habitualidade, continuidade e incoação, na conjugação de tal predicador com a morfologia progressiva.

Em relação ao predicador verbal semelfactivo de ações pontuais envolvendo movimento *to hammer* (martelar), em *Daniel is hammering a nail* (Daniel está martelando um prego), houve 15 escolhas pela paráfrase relacionada à leitura de iteratividade, 1 pela paráfrase da leitura de habitualidade, 12 pela paráfrase da leitura de continuidade e 8 pela paráfrase da leitura de incoação. No que se refere à leitura de iteratividade, denota-se um conjunto de marteladas que descrevem o evento. Em relação à leitura de habitual, salienta-se um comportamento rotineiro de Daniel de

Building the way

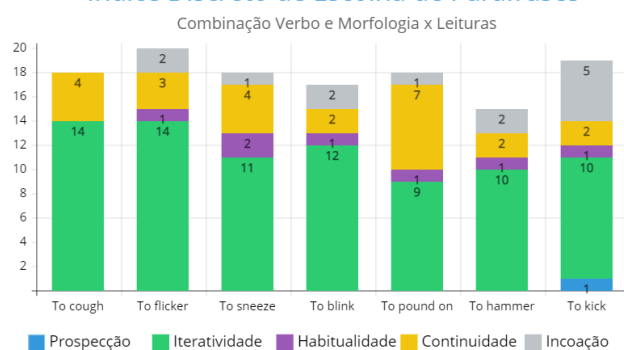
martelar um prego que se põem a afrouxar. Em relação à leitura de continuidade, salienta-se às múltiplas fases internas da martelada de Daniel. Finalmente, na leitura de incoação, salienta-se as fases iniciais da martelada. Dispararam-se, então, as leituras de iteratividade, habitualidade, continuidade e incoação, no emprego da morfologia progressiva com esse predicador.

Finalmente, no que concerne ao emprego da morfologia progressiva no predicador verbal semelfactivo de ações pontuais envolvendo movimento *to kick* (chutar), em *John is kicking the ball* (João está chutando a bola), houve 17 escolhas pela paráfrase relacionada à leitura de iteratividade, 4 pela paráfrase da leitura de habitualidade, 14 pela paráfrase da leitura de continuidade, 8 pela paráfrase da leitura de incoação e, surpreendentemente, 1 pela paráfrase da leitura de prospecção. Em relação à leitura de iteratividade, denota-se um conjunto de chutes que descrevem o evento considerado. Em relação à leitura de habitualidade, descreve-se um comportamento rotineiro de João de chutar determinada bola. Em relação à leitura de continuidade, dá-se ênfase à duração do chute de João, ou a suas fases mediais. Em relação à leitura de incoação, enfatiza-se às fases iniciais do chute de João. Finalmente, em relação à leitura de prospecção, enfatiza-se o momento imediatamente anterior ao início do chute de João. Entende-se que houve disparamento de todas as leituras apresentadas como opção.

Como se pôde observar, para todos os predicadores considerados, houve disparamento das leituras de iteratividade, habitualidade, continuidade e incoação. Constata-se que, em relação à preferência global dessas leituras com os predicadores estudados, houve uma preferência pela leitura de iteratividade, seguida pela leitura de continuidade, pela leitura de incoação e pela leitura de habitualidade. Constata-se, contudo, que, para o predicador verbal semelfactivo *to kick*, uma única escolha da leitura de prospecção se fez presente. Serão analisados os resultados do índice discreto de preferência pelas paráfrases, que mede as únicas paráfrases julgadas como possíveis pelos participantes.

Gráfico II: Índice discreto de escolha de paráfrases

Índice Discreto de Escolha de Paráfrases



Fonte: elaboração própria

O índice discreto mede a única paráfrase julgada como válida referente às sentenças alvo. De forma geral, os resultados dessa parte do teste não se diferenciam dos resultados anteriores. Houve, novamente, no emprego da morfologia progressiva, uma preferência pela leitura de iteratividade em todos os predicadores verbais, seguida pela preferência pela leitura de continuidade, pela leitura de incoação e pela leitura de habitualidade. Surpreendentemente, o único informante que, nos resultados dos índices globais, considerou a opção referente à leitura de prospecção como uma das possíveis paráfrases para uma sentença em que há o emprego do predicador verbal semelfactivo *to kick* (chutar) com a morfologia progressiva, também a considerou como única paráfrase possível em *John is kicking the ball* (João está chutando a bola). À vista de tal escolha, duas hipóteses são possíveis: a) pelo caráter único dos índices global e discreto da escolha dessa leitura, talvez, o participante que a selecionou, de alguma forma, tenha se desengajado do teste e do comando, pois um único julgamento global e discreto acerca da emergência dessa leitura em um verbo como *to kick* não parece ser estatisticamente justificável a partir dos resultados apresentados e b) pelo fato dessa escolha ser recorrente tanto nos índices global e discreto, talvez essa escolha seja significativa de alguma forma, uma vez que faz sentido descrever denotar o momento imediatamente anterior ao início do evento denotado (chute). Um estudo com mais participantes será necessário para compreender se tal escolha realmente é possível para outros falantes. De qualquer forma, pela possibilidade lógica de denotação do momento imediatamente anterior a um evento, este estudo adota a hipótese B.

Building the way

A segunda previsão experimental deste teste foi: no índice discreto, haverá, apenas, a escolha da opção de paráfrase que preconiza, necessariamente, uma leitura iterativa da sentença apresentada. Essa previsão experimental foi não confirmada, pelo fato os participantes do teste, de fato, escolheram outras leituras preferenciais para as sentenças alvo. Observou-se que, independentemente da subclasse de semelfactivos, as leituras disparadas pelo emprego da morfologia progressiva em verbos semelfactivos são mais ou menos as mesmas: iteratividade, habitualidade, incoação e continuidade.

211

Para explicar essas outras leituras, três propostas são aventadas. A primeira proposta é a de que a morfologia progressiva, no inglês, inerentemente, esteja à serviço de leituras aspectuais de natureza imperfectiva¹³, como, por exemplo, a iteratividade, a habitualidade, a continuidade e a incoação, que dão ênfase à estrutura interna do evento. Sendo assim, quando aplicada a predicados de natureza [-estativa] e [+pontual], por um processo de coerção aspectual, o predicador semelfactivo ou de *achievement* transforma-se em um predicador de atividade, como já descrito em Smith (1991) e Kiss Katalin (2011). Contudo, diferentemente do proposto em Smith (1991) e Kiss Katalin (2011), outras leituras, além da iteratividade, parecem ser possíveis. Nesse caso, como assumido em Dowty (1977), haveria um operador PROG na forma lógica que tomaria como referência um outro operador BECOME, característico de verbos de mudança de estado de natureza [+pontual], para o disparamento das referidas leituras. O processo de diferenciação dessas leituras, em última instância, seria uma questão morfossintática (movimentos específicos do predicador verbal para valoração de traços no *Middlefield* em posição de especificador de projeções como $Asp_{habitual}P$, $Asp_{continuativo}P$, $Asp_{frequentativo}P$, $Asp_{incoativo}P$, $Asp_{prospectivo}P$ ¹⁴ e semântica (especificação do traço de pontualidade e

13 Os resultados deste teste replicaram parcialmente os resultados de Alves (2019), referente ao emprego da morfologia progressiva em verbos de *achievement*. Como apontado, verbos de *achievement* são pontuais e télicos, ao passo que verbos semelfactivos são pontuais e atélicos. Se em ambos *aktionsarten* há disparamento das mesmas leituras, entende-se que a especificação do traço que eles possuem em comum ([+pontual]), bem como o contexto morfossintático em que são empregados nesses trabalhos (morfologia progressiva – apresentada como imperfectiva por Comrie (1976)) seja o fator decisivo nos disparamentos dessas leituras.

14 Como já apontado, mesmo que se possa argumentar que a iteratividade coocorra com as leituras de habitualidade, continuidade e incoação das sentenças apresentadas, considera-se que haja uma diferença entre essas leituras, de forma que um evento não precisa ser habitual, contínuo ou incoativo para ser visto como iterativo. Sobre a leitura de prospecção, claramente, há uma impossibilidade de

v. 11, n. 2 (2021) **ISSN 2237-2075**

Building the way

coerção aspectual pelo emprego da morfologia progressiva em verbos com esse traço marcado positivamente)¹⁵.

Uma segunda proposta é de que a leitura de iteratividade possa coocorrer com outras leituras, como, por exemplo, a leitura de continuidade, habitualidade ou até mesmo incoação. Não seria impossível conceber um evento frequentativo ao qual se faz menção a suas fases iniciais (João de novo começou a despedaçar a janela), mediais (João de novo ainda despedaça a janela) ou até mesmo a sua repetição rotineira (João geralmente de novo despedaça a janela). Talvez, a diferença entre essas sentenças seja uma implicatura, pois essas compartilham a mesma propriedade de observação das fases internas que constituem um evento.

Sendo assim, em uma sentença como “João está chutando a bola, mas ele geralmente não faz isso”, talvez haja cancelamento da leitura de habitualidade inicialmente atribuída à primeira sentença. Em uma sentença como “João está chutando a bola, mas ele não deu vários chutes”, talvez haja cancelamento da leitura de iteratividade inicialmente atribuída à primeira sentença. Apresenta-se, assim, como possível a ideia de que exista, na forma lógica, um operador PROG, de natureza imperfectiva, que se aplica a essas sentenças no progressivo. A diferença entre essas leituras, assim, seria uma questão mais pragmática.

Assumindo um modelo não lexicalista, uma terceira proposta seria de que, talvez, o traço de pontualidade não seja necessariamente especificado no léxico estrito, ou na Lista 1, em que se encontram as raízes acategoriais. Talvez, na formação de tal verbo, o traço de pontualidade esteja disponível em um verbalizador, de forma que, na derivação sintática, seja possível o especificar a depender dos movimentos sintáticos desempenhados a certas projeções, engendrando as diferentes leituras aspectuais encontradas. Sendo assim, talvez, uma raiz acategorial

combinação entre a iteratividade (multiplicidade de minieventos que já começaram) e a prospecção (momento imediatamente anterior ao início do evento). Sendo assim, quando o advérbio “quase”, veiculador de prospecção, é inserido em uma sentença no progressivo, a leitura de iteratividade não parece ser possível.

15 Nesse caso, entende-se que o fato de alguém ter escolhido uma paráfrase como preferida não excluiria necessariamente outra paráfrase. Quando o advérbio é explicitado, talvez, haja uma operação sintática de aumento ou diminuição do escopo do significado do predicador, especialmente de sua aspectualidade. Isso não significa, contudo, que uma sentença sem um advérbio explícito, como o “geralmente”, em *John is coughing* não possa ser lida como uma sentença habitual. No caso, múltiplas leituras seriam possíveis a depender da concatenação sintática e da checagem de traços em certas projeções do *Middlefield*.

Building the way

como “chut” entraria na derivação adjungindo-se a um verbalizador “ar”, dotado de alguns traços (dinamicidade, telicidade, estatividade) e, no processo de concatenação sintática, houvesse especificação desses traços, se, por exemplo, houver checagem do traço de telicidade em uma projeção como $Asp_{Terminativo}P$. Tal proposta teria de explicar, contudo, quais movimentos sintáticos a quais projeções funcionais poderiam promover a especificação positiva ou negativa dos traços apresentados.

Considerações finais

O objetivo geral deste trabalho foi contribuir para o estudo de classes acionais nas línguas naturais. O objetivo específico foi investigar as diferentes leituras advindas do emprego da morfologia progressiva associada ao tempo presente em verbos semelfactivos em inglês. A metodologia adotada consistiu na aplicação remota de um teste de paráfrases (ALVES, 2019), com oito sentenças alvo e dezesseis sentenças distratoras, a vinte falantes nativos de inglês. Adotou-se a seguinte hipótese: quando verbos semelfactivos em inglês são empregados com a morfologia progressiva associada ao tempo presente, a única leitura aspectual possível é a de iteratividade (SMITH, 1991; KISS KATALIN, 2011). A previsão adotada foi a de que, nas sentenças alvo, haverá, apenas, a escolha da opção de paráfrase que preconiza, necessariamente, uma leitura iterativa da sentença apresentada.

De forma genérica, a previsão adotada foi refutada. Participantes escolheram outras opções de paráfrases que não veiculam, necessariamente, uma leitura iterativa da sentença apresentada. As outras opções de paráfrase foram: habitualidade, continuidade, incoação e prospecção. Sendo assim, entende-se que a hipótese adotada, baseada diretamente na proposição de Smith (1991) e Kiss Katalin (2011), foi refutada. Houve emergência de outras leituras aspectuais que não se igualam à leitura de iteratividade necessariamente.

Frente a isso, três hipóteses para explicar esses resultados foram aventadas. A primeira foi a de que, no inglês pelo menos, haveria um operador PROG, de natureza imperfectiva, como descrito em Dowty (1977), que tomaria um operador BECOME, de verbos de mudança de estado, na forma lógica, para referenciar necessariamente um evento no mundo que seja descrito com fases internas. Nesse

Building the way

caso, se aplicada a um predicador verbal de natureza [-estativa] e [+pontual], como as classes acionais de *achievement* e de semelfactivos, haveria um processo de coerção aspectual, de forma que essas classes acionais percam a especificação positiva para o traço pontual, enfatizando suas fases internas. Nesse caso, para explicar as diferentes leituras, advindas do emprego dessa morfologia nesses verbos, apela-se a uma razão sintática. Assim, por exemplo, uma sentença como *John is coughing*, teria uma leitura de iteratividade, habitualidade, continuidade, incoação ou até mesmo prospecção, se, na concatenação sintática, houvesse movimento do VP para checar os traços referenciados em projeções do *Middlefield* como: $Asp_{\text{frequentativo}}P$, $Asp_{\text{habitual}}P$, $Asp_{\text{continuativo}}P$, $Asp_{\text{incoativo (i/ii)}}P$ e $Asp_{\text{prospectivo}}P$.

A segunda hipótese seria de que tais leituras seriam apenas diferentes implicaturas possíveis de serem disparadas pelo emprego da morfologia progressiva em inglês com verbos de diferentes classes acionais. A motivação para a postulação de tal hipótese advém da replicação quase completa neste trabalho sobre verbos semelfactivos dos dados encontrados por Alves (2019), em relação ao emprego da morfologia progressiva em verbos de *achievement*. Sendo assim, talvez, a diferenciação entre essas leituras não seja necessariamente pela valoração de certos traços na concatenação sintática, tampouco pela postulação de múltiplos operadores na forma lógica que as descrevam. Tal proposta, contudo, teria de replicar os mesmos resultados para todas as classes acionais descritas na literatura e não apenas com os verbos de *achievement* e semelfactivo, de natureza pontual.

A terceira hipótese seria a de que, frente à replicação dos resultados de Alves (2019), o traço que define os verbos semelfactivos e de *achievement*, [+pontual], não seja necessariamente especificado no léxico restrito ou na Lista 1. Nesse contexto, talvez, seja possível pensar que a informação de que um evento é pontual ou não esteja disponível em um sufixo verbalizador que se adjunge à raiz acategorial. Haveria, assim, valoração desse traço na derivação, simultaneamente à concatenação dos argumentos e aos movimentos para checarem certos traços nas projeções funcionais, salientando o carácter composicional da aspectualidade. Essa hipótese, contudo, deverá salientar todos os contextos sintáticos em que seria possível compreender um evento como pontual ou não pontual.

Referências

- ALVES, M.G. *Interação entre aspecto gramatical e semântico: a morfologia progressiva e os verbos pontuais no inglês americano e britânico*. 2019. 45 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras: Português – inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- BACH, E. The algebra of events. *Linguistics and philosophy*, v. 9, n. 1, p. 5-16, 1986.
- BASSO, R. M. Uma proposta para a semântica dos adjuntos “em X tempo”; e “por X tempo”. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 55, n. 1, 2011.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1999. 288 p.
- _____. *Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*. V. 4. New York: Oxford University Press, 2006. 232 p.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1976.
- DOWTY, D.R. Toward a semantic analysis of verb aspect and the English ‘imperfective’ progressive. *Linguistics and philosophy*, v. 1, n. 1, p. 45-77, 1977.
- _____. *Word meaning and Montague grammar: The semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague’s PTQ*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1979.
- GUIMARÃES, P.A.L. Verbos de estado e morfologia de progressivo: um estudo comparativo entre o português do Brasil e o inglês dos Estados Unidos da América. 2017. 202f. Dissertação do curso (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- KATALIN, K. Remarks on semelfactive verbs in English and Hungarian. *Argumentum*, v. 7, p. 121-128, 2011.
- MARTINS, A.L; MOTA, A. L. O. Estatividade e morfologia progressiva: uma análise à luz da aquisição do português do Brasil. *Working Papers in Linguistics*, 19(1); 117 – 135, Florianópolis, jan./jul., 2018.
- ROTHSTEIN, S. *Structuring Events*. Oxford: Blackwell Publishing. 2004
- SMITH, C.S. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1991.
- VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1957.